



Dos falares do Brasil ao falar do Nordeste¹

Adriana Freitas da Silva Costa²

Frederick O'Hara Alves dos Santos³

Jaciara Barreto de Castro Nascimento⁴

Universidade Tiradentes, Aracaju, Sergipe

Resumo

O presente artigo trata-se de um estudo sobre a linguagem nordestina. Tomando como base análises feitas com consultas bibliográficas. O principal objetivo é analisar a formação histórica do Nordeste, através da sua produção cultural para compreender as origens do preconceito linguístico. A literatura de 1930, a música de Luiz Gonzaga e o teatro de Ariano Suassuna são usados para entender a construção dessa linguagem. Os principais temas abordados são a diversidade cultural do Brasil, o regionalismo nordestino, o preconceito linguístico e o papel da mídia na propagação desse preconceito.

Palavras-chave: Mídia; Nordeste; Preconceito; Regionalismo.

Introdução

O Nordeste é caracterizado pela singularidade na produção cultural. Trazendo elementos que foram construídos no decorrer da sua formação histórica e social para o restante do Brasil. Essa amostra é vista principalmente na literatura, teatro, arte e música. A linguagem nordestina é utilizada como identidade regional, caracterizando os espaços ocupados e expressando os sentimentos do sertanejo.

A diversidade linguística também ocasiona o estranhamento entre culturas diferentes. O Sudeste e o Nordeste são as duas regiões escolhidas para a discussão sobre esse choque cultural. Utilizando os elementos da própria cultura nordestina, o artigo aborda a variação

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011

² Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIT, e-mail: adrianaf.silva@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Publicidade da UNIT, e-mail: ffreaker@hotmail.com

⁴ Professora de Comunicação Social da Universidade Tiradentes. Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Tiradentes



linguística e como consequência a construção do preconceito com relação ao falar nordestino. E as visões estereotipadas sobre o Nordeste que são veiculadas pela mídia e contribui para a inserção do preconceito no cotidiano.

A linguagem nordestina é retratada como o principal meio de comunicação entre os indivíduos, por isso deve ser valorizada. Mas a supervalorização da cultura pode ocasionar vários problemas como o preconceito. E uma maneira de respeitar essas diferenças é procurar compreender as características regionais.

A comunicação como instrumento de identidade cultural

O regionalismo retrata as particularidades de uma região, apresentando aspectos culturais e linguísticos desse espaço. Segundo Albuquerque Júnior (2009), o regionalismo reflete as diferentes formas de se perceber e representar o espaço nas diversas áreas do país. A fala é um instrumento de identificação regional do indivíduo, pois através dela é possível identificar a sua origem.

A comunicação torna-se um canal de transmissão cultural que caracteriza os espaços. Laraia explica esse processo cultural:

Comunicação é um processo cultural, mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral. (LARAIA, 2004, p. 52).

A comunicação oral identifica a origem do indivíduo, e junto com as expressões e costumes expressam os traços culturais da sua comunidade. No Brasil, por exemplo, não há uma cultura homogênea, por causa das influências de outras culturas. Traço da cultura indígena, africana e portuguesa é muito presencial no cotidiano dos brasileiros.

O Brasil é formado por 27 estados que falam a mesma língua: português. Mas que sofre variações devido aos aspectos culturais. É o que afirma Bagno (1999, p. 9): “Embora a língua falada pela grande maioria seja o português, apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade por causa da extensão territorial e social”.

Não uma homogeneidade da língua falada no Brasil, o que difere muito do português falado em Portugal. Cada estado brasileiro teve sua formação histórica, são “brasis” dentro de



um Brasil que se caracteriza pela diversidade cultural e linguística. Podem até ter traços parecidos, mas cada região possui sua identidade cultural.

Devido às extensões territoriais do país e do contato com diferentes grupos étnicos e linguísticos, Albuquerque Júnior (2009) afirma que a língua portuguesa teria se segmentado em línguas regionais, em torno dos diferentes núcleos de povoação e colonização, dos quais o Nordeste teria sido original. O referido autor explica que a principal preocupação era superar a visão exótica do falar regional, tomando-o como um material a ser trabalhado e como um meio de se contribuir para um novo falar culto.

O regionalismo se configura, assim, como um importante meio para retratar a identidade cultural de uma região. E a linguagem é um reflexo desse regionalismo, pois através da fala o indivíduo diz a sua origem.

A reinvenção do Nordeste através do regionalismo

O Nordeste, desde os primeiros momentos do povoamento dos portugueses no Brasil, se tornou um importante meio econômico para o Brasil. Fausto (2006) ressalta que a região representou o primeiro centro de colonização e de urbanização da nova terra. A região nordestina concentrou as atividades econômicas e sociais mais significativas da colônia, e o sudeste representava, nesse período, uma região periférica.

A chegada da família real no Brasil representa a mudança da capital para o Rio de Janeiro. A partir desse fato histórico o Nordeste passa a ser esquecido, como se o Brasil representasse apenas a região sudeste do país. Os problemas do Nordeste são representados através da literatura de 1930, música, arte e teatro. Características regionais e culturais que reinventam um novo Nordeste, que é marcado pela decadência açucareira, que foi um grande marco da trajetória nordestina.

A tentativa da reconstrução de um novo Nordeste é mostrada por Albuquerque Júnior (2009), apoiado em uma linguagem literária desse espaço decadente marcado pela seca que surge na literatura como fenômeno detonador de transformações radicais na vida das pessoas, desorganizando as famílias social e moralmente.

Os romancistas de 1930 se preocuparam em mostrar esse Nordeste para o restante do país através de traços regionais, da apresentação do cenário do sertão e de personagens. O regionalismo tradicional terá como um dos objetivos resgatar e estabelecer uma linguagem



regional. Segundo Albuquerque Júnior, o falar nordestino já começava a ser sistematizado nesses romances e tornar-se-ia, posteriormente, alvo de estudos de folcloristas.

No livro *O Quinze*, de Raquel de Queiroz, essas transformações causadas pela seca são representadas. A seca causa a migração dos retirantes devido à falta de água e comida. O romance de 1930 tem a preocupação de retratar esse espaço castigado e esquecido. Já Graciliano Ramos evidencia o regionalismo através da linguagem. Segundo Albuquerque Júnior (2009), Graciliano enfatiza que o domínio da palavra pelo homem pobre representava um passo decisivo para a utopia.

Na literatura da mencionada época, já se observava a preocupação com o domínio da língua na imagem de que o sertanejo não a dominava. Albuquerque Júnior (2009) ainda afirma que Graciliano deixa claro que o Nordeste não é lugar de fala, mas de lamento, de sofrimento e choro. E só se fala para pedir socorro: “Graciliano continua preso à imagem tradicional de que o homem sábio se encontra na cidade ou litoral. Para ele, o sertanejo continua sendo um homem sem voz.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 259)

A partir da década de 1950, o Nordeste volta a ganhar importância no âmbito nacional. Tornando-se tema de peças de teatro de grande importância nacional como as peças de Ariano Suassuna. Em uma das principais obras, *O Auto da Compadecida*, ele retrata os espaços do Nordeste trazendo uma linguagem própria. Albuquerque Júnior (2009) destaca o principal objetivo de Ariano Suassuna:

Um teatro que fosse capaz de popularizar, de deixar de ser voltado para a catarse da burguesia, que abordasse assuntos nacionais. Um teatro capaz de formar o povo ou a partir de seus assuntos. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 186)

Ariano tinha essa preocupação em popularizar o teatro, por isso adotou uma linguagem regional, que mostrasse realmente os aspectos culturais. O cenário do seu Nordeste é sempre marcado pelo sertão das caatingas, ou cidades empoeiradas, onde a única construção de destaque é a igreja. E as principais autoridades são o padre, e o delegado e o juiz, personagens que mostram as relações de poder no cenário do sertão.

O teatro procura retratar cenas do Nordeste para que o restante do país possa visualizar, pois nos romancistas de 30 mostravam essa região através da descrição de cenários e personagens que caracterizam o cotidiano no sertão. No teatro, o Nordeste surge



como um tema privilegiado por causa do sofrimento que a seca causa na vida dos nordestinos.

O Nordeste surge como tema devido às tragédias da seca que ocasiona as migrações para outras regiões, devido à falta de condições básicas como comida e água. A escravidão do açúcar mostrando a dominação dos senhores de engenho e as lendas populares. Ou seja, a formação histórica e cultural do Nordeste volta às cenas através da literatura com Raquel de Queiroz mostrando essa migração a procura de melhores condições de vida. A produção açucareira ganha espaço nos romances de José Lins do Rego, através do livro *Menino de Engenho*.

Nos romances os discursos dos personagens eram transcritos, mas no teatro a fala do nordestino é encenada com mais ênfase. Caracterizando o espaço ocupado por aqueles personagens com o objetivo de compreender os problemas sociais. A linguagem é um instrumento de comunicação que junto com cenário configura o espaço regional. O discurso é algo essencial no teatro, pois não adianta procurar retratar o Nordeste mostrando seca, fome e os canaviais. Os personagens são elementos fundamentais que, junto à linguagem caracterizam a região.

O Nordeste, segundo Albuquerque Júnior (2009), torna-se tema privilegiado por causa dos seus problemas sociais e por ser uma área subdesenvolvida, mas é a área mais nacional do ponto de vista cultural. A região sudeste do país teve muitas influências de outras culturas, principalmente depois do surgimento das indústrias, que ocasionou a vinda dos imigrantes. No Nordeste, houve uma construção da cultura nordestina com os próprios elementos regionais.

Através do teatro, Ariano resgata os problemas e explora essa cultura nordestina. Mostrando que não só de sofrimento e miséria vive o sertanejo, mas que, em meio à desilusão, ainda têm esperança. Esse orgulho de ser sertanejo, quando as dificuldades aparecem apenas encorajam para vencer os obstáculos e concretizar as palavras de Euclides da Cunha, as quais afirmam que o sertanejo é antes de tudo um forte. Albuquerque Júnior (2009) afirma que Ariano procurar representar o lado belo do sertão que havia sido negligenciado pela produção sociológica e literária, que enfatizava as belezas da sociedade açucareira ou mostrar o lado feio e miserável do sertão.

A literatura de cordel também é outro meio de expressão dos nordestinos. O cotidiano do sertanejo ganha espaço na literatura oral. O analfabetismo é um problema que marca o sertão, e criando a sua própria linguagem eles conseguem se comunicar. Os folhetins traziam os versos de cordel, mas como a maioria da população era analfabeta, os narradores contavam as histórias: “Um Nordeste construído com narrativas de ex-escravos, de pessoas sem sobrenomes, com histórias ouvidas na infância, histórias de cangaceiros, de coronéis, de milagres, do sertão místico”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 130)

O cordel fornece, segundo Albuquerque Júnior (2009), uma estrutura narrativa, uma linguagem e um código de valores que são incorporados em vários momentos na produção artística e cultural nordestina.

O próprio Ariano utiliza a literatura de cordel, o filme *O Auto da Compadecida*, retrata através do personagem de João Grilo o uso do cordel para comunicar-se com seu amigo Chicó, mostrando fatos típicos da literatura de cordel.

O romance regionalista é a tentativa de mostrar o Nordeste esquecido. Através de romances os problemas do sertão são descritos, e acabam criando uma imagem estereotipada da região. Mas através de Ariano Suassuna essa imagem é mostrada, porém o outro lado ganha espaço nas suas peças. Apresentando a imagem construída pelos romancistas e a força do sertanejo em vencer esses obstáculos. E em meio a essa luta produzir traços culturais característicos dessa região, como por exemplo, a literatura de cordel. Além desses elementos típicos da cultura nordestina, a música também é outro instrumento utilizado para expressar o sofrimento e também a luta. O baião de Luiz Gonzaga, por exemplo, é considerado como música nordestina.

Na década de 40, surge Luiz Gonzaga no cenário musical, trazendo o baião como identidade cultural do migrante nordestino Albuquerque Júnior (2009), a música de Luiz Gonzaga é dirigida, sobretudo, ao migrante do Nordeste radicado no sudeste do país e ao público nas capitais nordestinas que podiam consumir seus discos.

Migração dos nordestinos para sudeste em busca de melhores condições

Inicialmente, Albano da Costa⁵ destaca que o processo de migração nordeste-sudeste se deu por conta da apropriação de escravos. Onde esse fluxo era constante em

⁵ ALBANO DA COSTA, Sebastião Guilherme: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-erica-costa-sebastiao-significacoes-nacionais-de-expressoes-locais.pdf> Significações nacionais de expressões locais: cultura, região e mídia no Brasil.



virtude do trabalho existente nas lavouras. Com o passar do tempo e a eliminação do sistema escravocrata, o motivo pelo qual se manteve a constata de migrações foi a esperança por uma vida melhor.

A região sudeste do país torna-se a grande promessa de melhores condições de vida. A industrialização causa um fluxo de migração dos nordestinos para essa área, pois o Nordeste era caracterizado como sinônimo de atraso. A representação do Nordeste é sempre associada ao atraso, à pobreza, à miséria e na outra ponta, o Sudeste, que representava o motor da economia, a imagem da modernidade, camuflou a dinâmica regional que permite a compreensão da mobilidade dos nordestinos para São Paulo (Gomes, 2006, p.143).

Os nordestinos saem da sua terra desiludidos com a seca, miséria e fome e se apóiam na industrialização da região sudeste como saída para o sofrimento. O rádio atua como importante elo entre o Nordeste e o Sudeste através dele os nordestinos tomava conhecimento das oportunidades de emprego.

A industrialização só aumenta as disparidades entre o Nordeste e Sudeste, que se diferenciam com mais ênfase na cultura e economia. Albano da Costa aponta que os nordestinos era outro contingente humano em desvantagem com o modelo de sociedade que se formava no Brasil. Mas mesmo assim, teorias consideram homem sertanejo como o verdadeiro homem brasileiro. A cultura nordestina é formada por um conjunto de elementos próprio da sua identidade. Já o sudeste houve uma mesclagem com outras culturas que veio para o Brasil através da imigração. As ideologias trazidas por eles também influenciou na formação cultural. Os nordestinos migram para o sudeste em busca de novas oportunidades.

Segundo Albano da Costa, em 1935 durante o governo de Armando Sales de Oliveira decidiu-se estimular a vinda dos Nordestinos para São Paulo. Ainda havia os contratos em que constava o valor das passagens, bagagem e mais um salário por família. Os nordestinos que partiam sozinhos aliviavam a saudade através de traços que relembre o sertão.

A música torna-se um importante mecanismo para suprir a saudade da terra natal. Albuquerque Júnior explica a necessidade da migração para o Sudeste:

O Nordeste é o espaço da saudade de milhares de homens pobres, do campo, que foram obrigados a deixarem seus locais de nascimento e suas terras para migrarem em direção ao Sul , notadamente São Paulo e Rio de Janeiro, para onde iam em busca de empregos. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 171)



A música de Gonzaga torna-se representante da identidade regional durante essa migração. As letras das suas músicas traduzem as angústias sofridas pelos migrantes longe da sua terra natal. O tema da saudade é constante na sua música. A linguagem utilizada por Gonzaga é característica da região fugindo do padrão da língua portuguesa. Nos seus versos observa que o “falar nordestino” é preservado. A transcrição das palavras da mesma forma que é pronunciada. O próprio cantor percebe a variação linguística quando cria a música *ABC do Nordeste*, explicando a variação da pronúncia das palavras e a necessidade de aprender um novo ABC. Esta variação é percebida nas suas andanças pelo Brasil.

A variação linguística do Nordeste gera conflitos na região Sudeste. O falar nordestino é considerado chulo e errado, não respeitando a formação regional. Segundo Marcos Bagno (1999), a fala nordestina passa a ser retratada como algo grotesco, rústico, atrasado, criado para criar risos entre as pessoas. O choque cultural acaba causando o preconceito linguístico entre as duas culturas. O Sudeste é considerado como o lado moderno, industrializado, por isso o restante do país precisa se adequar ao padrão estabelecido.

A migração traz como consequência uma modificação e incorporação de novos elementos à cultura local, onde esse contato provoca a absorção de uma cultura pela outra, gerando uma nova cultura com traços da cultura inicial e da absorvida. Assim a cultura nordestina procura se adequar ao modelo sudeste.

Preconceito Linguístico como instrumento de fragmentação

O etnocentrismo cultural é um problema que pode surgir com a valorização excessiva da cultura. Segundo Laraia (2004), o fato de o homem vê o mundo através da sua cultura tem como consequência a pretensão de considerar a sua cultura como a mais correta e natural. Esse etnocentrismo em casos extremos pode levar a numerosos conflitos sociais, entre eles o preconceito linguístico. O homem classifica a sua cultura como a mais correta e entra em atrito com outras culturas.

O Brasil é caracterizado pela variação linguística. Segundo Marcos Bagno (2003), em 1757 o primeiro ministro de Portugal, Marquês de Pombal, proibiu o ensino de qualquer



outra língua no Brasil que não fosse o português. Desse decreto até os dias atuais, já se passaram 254 anos de língua portuguesa. No Brasil, é a língua oficial, mas é falada de diversas maneiras entre os estados, pois essa variação ocorre devido às diferenças culturais e sociais de cada lugar. Ainda explica que do mesmo modo que existe o preconceito com a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões, a exemplo do modo de falar nordestino:

O que está em jogo não é a língua, mas a pessoa que fala essa língua e a região geográfica onde essa pessoa vive. Se o Nordeste é atrasado, pobre, subdesenvolvido, então as pessoas que lá nasceram e a língua que elas falam devem ser consideradas assim. (BAGNO, 1999, p. 46)

Esse preconceito foi construído durante a formação histórica do Nordeste, que volta a cena nacional através da literatura de 30, teatro e música caracterizando a região. A visão de um Nordeste caracterizado apenas pela seca, fome e miséria foi repassada para o restante do Brasil, construindo uma imagem de atraso e subdesenvolvimento. O Nordeste possui essas características, mas também possui grande legado cultural, considerado até como a região mais nacional do país. O que mostra Ariano Suassuna nas suas peças teatrais, em que o lado belo do sertão é mostrando juntamente com a luta diária para vencer os obstáculos do sertão.

O choque da cultura nordestina com a do Sudeste vai ser mais intenso com a migração do sertanejo para uma das principais cidades do sudeste, São Paulo, que é vista como sinônimo de desenvolvimento. O migrante sai do Nordeste seco e empoeirado e passa a viver cidade grande, urbanizada. Carregando o que o caracteriza como nordestino, a identidade cultural, mais especificamente o falar nordestino.

O analfabetismo é ainda um grande problema no Nordeste, e é uma das justificativas para a variação linguística. Eles se comunicam a sua maneira, sem se preocupar em seguir a língua padrão.

A variação linguística é decorrente não só da questão linguística, mas também social política e econômica. No plano linguístico, Bagno (1999) explica a variação fonética entre a fala do Sudeste e do Nordeste. E indica o fenômeno fonético chamado de palatalização como justificção para a variação oral das palavras. Através do qual um segmento fônico muda o seu ponto de articulação. O que contribui para a formação do que chamamos de sotaque. Mas como Bagno explica, o preconceito vem atrelado ao social. Não é só sotaque “engraçado”,



mas de onde vem quem fala de uma região marcada por problemas sociais que ocasiona a fuga para a “cidade prometida”.

O Nordeste sob o olhar da Mídia

A mídia é o principal meio que a sociedade tem para se tomar conhecimento do que acontece no país. A pesar de morar no Brasil, a maioria das pessoas desconhece grande parte do país. A mídia assume assim, o papel de tornar esse Brasil conhecido. A visão que a população vai criar vai ser fruto do que vai ser reproduzido pelos meios de comunicação.

A visão que a maioria das pessoas possui do Nordeste é fruto de estereótipos que foram criados pela mídia. Confirma-se, assim, o que disse a escritora Raquel de Queiroz, que a mídia possui um olhar torto sobre o Nordeste contribuindo ainda mais para o preconceito contra nordestinos. Durval Albuquerque Júnior (2009) explica que se observa nos discursos da mídia visões estereotipada. O discurso repetitivo que diz o que o outro é em poucas palavras.

Segundo Albuquerque Júnior (2009), o Nordeste merece um melhor tratamento devido a sua contribuição cultural, sendo capaz de fundir culturas e raças. Os portugueses primeiro povoaram o Nordeste, ocorrendo essa mistura de cultura portuguesa, africana e indígena. E sendo que até os dias atuais o Nordeste possui patrimônios históricos marcando a presença dessas culturas. Bagno destaca como está enraizado esse preconceito na sociedade:

É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão. Todo personagem de origem nordestina é sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, Criado para provocar riso. (BAGNO, 1999, p. 46)

Bagno (1999) ressalta que os meios de comunicação, principalmente o rádio e TV, são os principais canais que esse preconceito é propagado. O Brasil possui uma grande extensão territorial, por isso mesmo morando no Brasil não tem como conhecer o país por inteiro. Ainda afirma que a mídia brasileira é a principal responsável pela preservação e divulgação do preconceito linguístico.

As opiniões formadas na sociedade é fruto do conteúdo veiculado pelos meios de comunicação, que a princípio tem o papel de informar e de expressar a opinião pública. A



maioria dos brasileiros não tem o hábito da leitura, mas estão em contato direto com os meios de massa: televisão, rádio e também podemos incluir a internet. Esses meios mostram de forma mais explícita e inserida no cotidiano os preconceitos linguísticos, principalmente as sátiras quanto ao jeito nordestino de falar.

Considerações finais

A mídia passa a ideia de homogeneidade do Nordeste, como se representasse um todo. Não se restringindo apenas as manifestações culturais como também ao sotaque. Constituído por nove estados, a região nordestina é marcada pela diversidade. Vários recortes que em conjunto constroem o Nordeste.

Os retalhos do Nordeste são formados pela seca, fome, analfabetismo, desemprego, mas também por um povo sertanejo que tem esperança e constrói a sua história. O sotaque nordestino carrega consigo anos de exploração, sofrimento, esperança e a coragem de lutar contra a fome, seca, miséria e contra o preconceito linguístico.

Não adianta apenas reproduzir o discurso de discriminação, o povo nordestino precisa reconhecer sua identidade, e ter consciência da importância da sua cultura para o país. Albuquerque Júnior (2009) expressa essa necessidade de sair dessa posição de inferioridade:

Nós, os nordestinos, costumamos nos colocar como os constantemente derrotados, como o outro lado do poder do Sul, que nos oprime, discrimina e explora. Ora não existe esta exterioridade às relações de poder que circulam o país, porque nós também estamos no poder, por isso devemos suspeitar que somos agentes da nossa própria discriminação, opressão ou exploração. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 31-32)

A luta contra o preconceito linguístico não é apenas papel da mídia, literatura, música, teatro ou quaisquer manifestações. Mas uma ação em conjunto desses meios com povo para, assim, reconhecer e valorizar essa identidade nordestina marcada pelo regionalismo.

REFERÊNCIAS



ALBANO DA COSTA, Sebastião Guilherme: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lima-erica-costa-sebastiao-significacoes-nacionais-de-expressoes-locais.pdf> Significações nacionais de expressões locais: cultura, região e mídia no Brasil.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Prefácio de Margareth Rago, São Paulo: Cortez, 2009.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

GOMES, Sueli de Castro. **Uma inserção dos nordestinos em São Paulo: o comércio de retalhos**. Imaginário- USP, 2006, vol. 12, n 13, 143-169.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.